

[Clique aqui para descarregar em português](#)

(Click here to download Portuguese)

Capacidade de agir

Hino aos que procuram

Prelúdio

Eugène Vermeer

Desde o início dos tempos, o Homem tem estado em estreito contacto com o seu ambiente imediato e tem-se concentrado no que está disponível na natureza. O tipo de humano com o melhor potencial de adaptação dominou e espalhou-se por todo o mundo. Uma nova forma de pensar, a revolução cognitiva, tal como descrita por Yuval Noah Harari no livro *Sapiens* (Harari Y.N. , 2017), contribuiu para o facto de os humanos modernos terem sido capazes de se manter cada vez melhor. A linguagem e a comunicação desempenharam um papel essencial neste contexto. Isto levou a mudanças na socialização e no comportamento, ensinou os humanos a agir com mais determinação, a fazer planos e, através da cooperação, a desenvolver novas técnicas, bem como a trocar estratégias de sobrevivência. O ambiente estava a liderar e a adaptação humana estava principalmente a acompanhar os seus desenvolvimentos.

Desde a revolução industrial, estas capacidades adaptativas têm sido cada vez mais invocadas. No clima atual, estamos a viver um crescimento populacional global crescente e somos confrontados com questões complexas relativas ao nosso ambiente de vida: alimentação, ambiente, trabalho e habitação. A abordagem é dificultada pelo facto de que pensar e trabalhar em conjunto é toldado por interesses sociais e económicos muito divergentes. A rapidez e complexidade dos desenvolvimentos e mudanças que provocamos, especialmente a nós próprios, significam que somos confrontados com novos e profundos desafios. Há uma necessidade de nos orientarmos na adaptação, estimulando e desenvolvendo competências, para além de adaptarmos os nossos padrões de pensamento e modos de pensar. Seremos capazes de assumir o controlo de modo a realinhar o nosso *pensar* e *agir* com a nossa fonte; o nosso ambiente, e de reorientar o *Eu* no nosso desenvolvimento evolutivo? O que é necessário para um ajustamento construtivo, um passo em frente neste processo evolutivo? Como voltar a falar sobre isto, em diálogo com o outro? Temos de voltar aos nossos motivos originais de explorar o nosso ambiente de vida, mas certamente também a nós próprios, no papel de pensar e agir. De que é que precisamos? O que podemos fazer nós próprios?

Estimular a coragem de sermos diferentes e autênticos. Dos nossos impulsos instintivos, procuramos inicialmente a segurança no grupo e os seus padrões familiares, e queremos fundir-nos no todo. É preciso talento e dinamismo para ousarmos ser diferentes e para ousarmos distinguir-nos e ainda fazer parte do todo. Da autenticidade e do pensamento autónomo, podemos ser mais capazes de ativar o pensamento crítico em nós próprios e de nos desviarmos dos pressupostos e da influência do grupo. Através de um pensamento crítico construtivo sobre o mundo que nos rodeia, podemos libertar-nos melhor da pressão opressiva do grupo e dos pressupostos coletivos que podem inibir uma abordagem aberta à renovação e à mudança.

Se quisermos explorar novos caminhos, teremos de nos permitir ser vulneráveis, ousar o suficiente para correr o risco de fracasso e fazer uso do poder da vulnerabilidade, tal como descrito no livro homónimo de B. Brown (B. Brown, 2012). Isto constitui a base para explorar, para ter um olho para outra perspetiva, para ouvir sinceramente o outro. Só então poderemos trocar mais profundamente

os nossos verdadeiros sentimentos sem o medo de sermos diferentes e pensar de forma diferente. “Melhore o mundo, faça uma pergunta!” é um dos preceitos que Rutger Bregman descreve no seu livro "The Human Kind" (R. Bregman, 2019). A perspectiva contemporânea está frequentemente centrada na resiliência e na realização, no lucro e no crescimento, no domínio e no ganho pessoal. Isto leva a uma cultura de julgamento e crescimento à custa dos outros. Isto não é crescimento e desenvolvimento a partir do interesse comum, estimulando a cooperação, autenticidade e pensamento autónomo, mas sim, crescimento e desenvolvimento à custa do outro e do nosso ambiente. Esta atitude social, política e economicamente estimulada conduz irrevogavelmente a relações interpessoais patológicas, tanto entre indivíduos como entre grupos. Temos apenas de olhar para os números crescentes de *burn-out*, stress, ansiedade e endurecimento dentro de muitas sociedades. A guerra de trincheiras está a ser travada entre pessoas com base em pressupostos arraigados, rígidos e impostos. É tempo de um ajustamento - uma mudança de paradigma - no qual se presta atenção à comunicação, moralidade, criatividade, pensamento crítico e autónomo, livre de pressupostos fixos em diálogo sincero com o nosso ambiente, e com os nossos semelhantes.

Com este livro queremos entrar em diálogo com o leitor, partilhar e desafiá-lo no seu pensamento e atuação, na sua capacidade de agir. Um guia para o desenvolvimento do *Eu*, baseado na atenção à perspectiva do *Outro*; alcançando a si próprio através do outro. Se percebermos a necessidade disto e formos capazes de o reforçar no crescimento, educação e cooperação, podemos partir. Tomar este caminho é o primeiro passo para a mudança. Com este livro, queremos destacar diferentes abordagens de diferentes disciplinas para inspirar, motivar e dialogar.

Prólogo

Bert Zwaneveld

Durante o Verão de 2020, quando a primeira onda de Covid-19 parecia ter terminado como muitos pensavam, Erwin Sengers tomou a iniciativa de perguntar a várias pessoas se estavam dispostas a pensar numa contribuição para um livro que:

- É dirigido ao debate público, e é dirigido a um vasto público.
- Será um documento que fornece uma visão dos maiores problemas da atualidade - não sendo o menor deles a comunicação
- Mostra que estes problemas podem ser resolvidos de forma alternativa ao habitual.

Todos os leitores deste livro devem agora perguntar: “Então, quais são estes problemas?”

A nossa sociedade é confrontada com uma série de problemas. O seguinte, longe de ser uma lista completa, fornece uma indicação:

- Crises, tais como a crise financeira de 2008 - 2014, ou a crise da Covid-19 que começou em 2020
- Incerteza que as pessoas sentem, por exemplo, a consequência de tal crise ou mudança climática
- Perda de controlo da vida das pessoas, induzida pela abordagem de gestão no trabalho, ou na sociedade
- A forma como o governo trata os seus cidadãos, levando a um fosso crescente entre os dois
- Considerando a sociedade como um mercado que muitas vezes significa a retirada do governo

- Mais individualismo que por vezes divide as sociedades.

Parece que a bússola moral das pessoas já não está a funcionar bem. Os valores mais elevados já não dirigem o comportamento das pessoas. Os autores dos capítulos deste livro estão convencidos de que é necessário repensar os aspetos fundamentais da nossa sociedade a nível local, regional, nacional, e internacional. A palavra-chave está aqui: comunidade. Numa comunidade, pode-se contribuir para a felicidade dos outros e, ao fazê-lo, para a própria felicidade. Por outras palavras: não a exclusão, mas sim uma troca de ideias.

A nossa sociedade é constituída tanto por pessoas como pelo ambiente. O contexto da vida das pessoas é uma parte inerente da sociedade. Como consequência, no processo de mudança, a nossa relação com os aspetos materiais do ambiente deve também ter um lugar importante.

Para além de uma mudança de atitude, é também necessário repensar que conhecimentos e competências são apropriados para que isso aconteça.

Em todos os capítulos deste livro, os autores analisam, os problemas das suas próprias áreas de especialização, discutem a sua análise e dão orientações para soluções concretas. As análises provêm de uma vasta gama de disciplinas: filosofia, economia, moral, (auto-)organização, inovação, psicologia e educação, especialmente a nível universitário (de ciências aplicadas).

Para dar uma perspetiva do que se pode esperar, apresentamos aqui alguns resumos muito condensados dos dez capítulos.

O capítulo de abertura é uma entrevista de Gabriel van den Brink por Erwin Sengers: *basicamente, o topo da montanha alcança o céu*. Mostra as opiniões de Van den Brink sobre questões tais como: Porque é que é difícil agir? Qual é o papel da linguagem na ação? Onde ou quando são necessárias outras pessoas na ação? Como pode alguém superar alguma inércia na ação? E se para além da ação coletiva houver também impotência coletiva? Até que ponto são realistas as ideias apresentadas? Qual é o papel da educação? Van den Brink e Sengers querem fornecer perspetivas dirigidas à ação. Prestam especial atenção à enorme utilização de tecnologia móvel que pode levar à restrição da comunicação das pessoas.

No capítulo 2, *Tempo para uma mudança de paradigma*, Leen Paape analisa o paradigma económico em que a maioria dos países assenta, que pode ser resumido como "neoliberalismo", já não é defensável. Este paradigma trouxe prosperidade e crescimento, mas também tem efeitos nocivos. Pense nas alterações climáticas, no declínio da biodiversidade e nas consequências sociais como desigualdades crescentes entre grupos de pessoas. Portanto, o paradigma tem de mudar. Ele mostra que escolhas temos de fazer.

O Capítulo 3, *Ecossistemas para a Educação*, Erwin Sengers descreve como os sistemas educativos podem, ou mesmo devem, mudar quando desejam colocar a colaboração e o sucesso coletivo num lugar de destaque. O apelo do autor é de ligar tal mudança ao que pode ser aprendido com a natureza, em todos os seus aspetos. A natureza existe há muito mais tempo do que a humanidade! De acordo com Sengers: já não é o enfoque nos institutos que fornecem educação, mas sim nos sistemas educativos. As palavras-chave dos sistemas educativos são: auto-organização, cocriação, colaboração, aprendizagem não linear, liderança descentralizada.

Gabriel van de Brink e Erwin Sengers, afirmam no capítulo 4, *imaginando uma moralidade ancorada* na busca do que nos une, que a nossa existência humana é determinada pela interação de três pilares: moralidade, poder e mercado. Na sua opinião, o primeiro é o menos desenvolvido destes três. Numa espécie de discussão, procuram formas de melhorar a moralidade. Uma das suas conclusões é que podemos substituir a hierarquia por uma ordem funcional na qual a tomada de decisões tem lugar à escala local ou regional. Então, o governo não se deve limitar a impor

procedimentos formais, mas encorajar os seus cidadãos a encontrar as suas próprias soluções quando se trata de interesses ou considerações morais conflituosas.

Jacqueline van Muilwijk-Koezen & Peter van der Sijde começam as suas considerações no capítulo 5, *Construir pontes, papel da autenticidade*, a partir da sua observação de que muitos estudantes não obtêm empregos académicos depois da universidade, mas sim empregos relacionados com negócios. São educados para adquirir conhecimentos, não para ganhar dinheiro, o núcleo do negócio. O seu objetivo é construir uma ponte entre a o meio académico e as empresas do ponto de vista educativo. A sua principal recomendação é que os professores universitários obtenham mais conhecimento do mundo dos negócios, fazendo perguntas com o objetivo de se familiarizarem com este mundo.

Capítulo 6 por Sabrina Schork, *Educação para a Inovação Circular*, o mundo precisa de educar pensadores e fazedores da economia circular sobre inovação circular, a fim de criar um programa transfronteiriço para Inovadores da Economia Circular no Ensino Superior Público. Baseia-se numa revisão de 107 artigos científicos revistos por pares e na análise de 40 publicações pré-selecionadas e pesquisas online para projetos de investigação de Economia Circular. Oito iniciativas de investigação interessantes e oito publicações dão uma visão sobre a Educação para a Inovação Circular. Os conhecimentos nucleares adquiridos são relevantes para cientistas, formadores, gestores de recursos humanos, e pessoas que queiram continuar a sua educação na área da Inovação Circular. A economia circular é o futuro e as inovações circulares devem ser implementadas através da educação. Isto implica encontrar pessoas que as possam realizar, que sejam formadas e que possam desempenhar um papel nas implementações (comerciais).

Jaap Boonstra inicia o capítulo 7, *Vamos jogar*, com: "Muitas pessoas nas organizações experimentam o seu ambiente como dinâmico, e não é claro qual será o futuro". Numa situação tão insegura, preparar o futuro através de um processo planeado é dificilmente possível. A alternativa de Boonstra é a auto-organização, na qual jogar tem um papel importante. Ao moldar os futuros atores devem formar coletivos auto-organizadores que não visem um resultado bem definido com objetivos pré-definidos *per se*. As palavras-chave, além de auto-organização, são: mudança, comunicação, tomada de decisões, resolução de conflitos, confiança (mútua), aprendizagem, propriedade, e até mesmo diversão.

O capítulo 8 de Jan Bransen, *Não o posso fazer sozinho*, pergunta: O que significa manter a nossa identidade como um espécime do *Homo sapiens*? E o que é necessário para sobreviver como humanidade, como a espécie que parece estar a destruir o seu ambiente no Antropoceno, e que não parece realmente ter o direito de reivindicar a sabedoria que atribuiu a si própria no seu nome. Para discutir estas questões, farei bom uso dos cinco seguintes conceitos básicos: autopoiesis, adaptabilidade, compromisso, atividade, e temporalidade.

O capítulo 9 de Eugène Vermeer, *Autonomia como atitude em relação à vida*, o desenvolvimento da Autonoia, centra-se na importância do pensamento autónomo no tsunami da informação, verdadeiro ou falso, e tudo o que está entre eles. Todos têm de encontrar o seu caminho no mundo complexo em que vivemos, por vezes sozinhos, na sua maioria numa relação com outros. Nesta situação complexa, todos têm também o dever de construir o seu próprio *Eu*. A educação e o desenvolvimento do pensamento são os temas centrais. Vermeer utiliza o termo 'Autonoia' - do grego: próprio (auto) e pensamento (noia) para o desenvolvimento de competências subjacentes e atitude de pensamento autónomo.

No capítulo final, *DRYVER'S SEAT*, Erwin Sengers discute extensivamente: "Embora tenhamos a tecnologia, os conhecimentos e as capacidades para proporcionar a todas as pessoas as necessidades da vida e para nos adaptarmos às circunstâncias em mudança, a nossa capacidade de agir não é atualmente suficiente para resolver os maiores desafios do nosso tempo". E, é claro, ele fornece muitos conhecimentos sobre possíveis soluções.